

# A Praça das Três Culturas

*Economia - Brasil*

HELIO PAULO FERRAZ\*

"... E, se os fatos contradizem os profetas, pior para os fatos." (Nélson Rodrigues)

As profecias apocalípticas sobre o Brasil e sua mais recente crise de divisas remetem minha memória à chamada Praça das Três Culturas, na Cidade do México. Lá se encontra o moderno prédio do Ministério da Cultura Mexicana, uma capela colonial espanhola do século XVI e finalmente a Pirâmide Asteca espelhando a grandeza da civilização mexicana pré-colombiana.

Resumindo na forma escrita a mensagem de três civilizações, através da linguagem de sua arquitetura, um mural em mármore diz aproximadamente o seguinte:

"Aqui neste local deu-se o evento conhecido como *La Noche Triste*, denominação da sangrenta batalha entre os espanhóis recém-chegados e o exército de Tenochtitlán-Tlateloco (os espanhóis, liderados por Hernán Cortez, julgaram ter chegado ao Paraíso, quando viram aquela Veneza Americana em meio ao Lago Texcoco, e por sua vez foram recebidos como deuses pelo imperador Montezuma), capital do Império Asteca ou Mexica (Hoje Cidade do México)... Esses eventos violentos não são motivo de lamentação nem de vergonha, mas o nascimento trágico e sofrido da Civilização Mexicana de hoje".

Assim, após cerca de quatro anos de âncora cambial do Plano Real, a recente crise brasileira adquire contorno mais agudo com a chamada livre flutuação do câmbio, o que também não me parece motivo para lamentações ou pessimismo, mas marca, sim, o nascimento sofrido e doloroso do Brasil como *cidade* da comunidade econômica globalizada.

É preciso não perder de vista que o Plano Real, como todos os demais planos de ajuste locais ou internacionais, sempre se pautou por alguma *âncora*, mais adequada ou menos adequada (o Plano Cruzado, por exemplo, teve o congelamento de preços), e mais rígida ou menos rígida, o que de certa forma definiu a força de repique, quando soltas as amarras de suas âncoras.

Seja como for, a própria definição de *âncora* dá-lhe o caráter de instrumento, portanto necessário até que a economia possa navegar e não mais ficar atada a sua *âncora*. Aliás, já dizia o poeta, "Navegar é preciso" (Fernando Pessoa).

O câmbio livre, o sistema adotado em todas as economias desenvolvidas, é assim um passo necessário e natural para um país que, a meu juízo, alcança assim a sua maioria econômica (desde que não substitua a "âncora cambial" pela âncora dos juros altos), a qual traz no seu bojo a consolidação da opção do governo Fernando Henrique pela política econômica de espectro liberal.

O exemplo dos países asiáticos e do próprio México mostram que o ajuste cambial, por si só, uma vez que aumentará exportações e reduzirá importações, melhorando as contas externas, e – dependendo da capacidade de implementação das reformas já em curso, com vistas a criar uma saudável "âncora fiscal" – poderá anteceder um período de crescimento econômico essencial para enfrentar-se a pobreza, realmente o grande desafio brasileiro.

O Brasil é das democracias mais avançadas, se comparada, como exemplo, à maioria dos países asiáticos, à Rússia e até mesmo ao México, e é também das economias mais sofisticadas e complexas: seu mercado real está um pouco abaixo de 20 milhões de consumidores. Sem falar que seu mercado potencial, num quadro de

desenvolvimento, para um país com cerca de 150 milhões de habitantes, é dos mais significativos do mundo.

Só o tempo responderá se os profetas do Apocalipse estão certos, mas o fato é que o governo estava encurralado perante a questão cambial, pela queda nas reservas, a pressão do setor produtivo e a moratória dos estados, tudo contra a excessiva rigidez no uso de sua "âncora cambial", a qual estava condicionada à redução dos juros.

Portanto, naquelas circunstâncias, qualquer tentativa de fixação, de paridade cambial, ainda que relativamente móvel, seria questionada, interna e externamente. Criando o câmbio flutuante, isto é, fixado pelo mercado, o governo brasileiro, como no jogo de xadrez, saiu do xeque com um xeque ao rei, porque, a partir de então, a realidade dos fluxos e expectativas passou a fixar os níveis de câmbio.

A propósito, é preciso dizer, o fato novo da globalização significa em sua essência, a hora e vez da verdade e da transparência em termos macroeconômicos nacionais e, portanto, não é mais possível para os países esconderem suas fragilidades estruturais, seja através de âncoras ou de políticas tarifárias, ou de qualquer mecânica mais ou menos moderna.

Para encerrar, levanto, por conseguinte, a discussão aberta por George Soros: é fundamental começarmos a nos preparar para participar do aperfeiçoamento e renovação das instituições financeiras, e demais organismos internacionais. "In short we need a global society to support our global economy." (George Soros – *The Crisis of Global Capitalism*).